

## JORNALISMO EM AMBIENTES MULTIPLATAFORMA

A Mediação Algorítmica: implicações na circulação de informações jornalísticas

Amanda Chevtchouk Jurno, mestre e doutoranda pelo PPGCOM UFMG.

**RESUMO:** A partir da análise de matérias jornalísticas e publicações oficiais do *Facebook* envolvendo as duas controvérsias – da lista *Trending* e da censura à foto da Guerra do Vietnã – pudemos perceber como a utilização do *Facebook* como forma de acesso à informação pode transformar a relação dos usuários com a informação jornalística. A partir dos movimentos e ações que fazemos na rede os algoritmos reorganizam os conteúdos a fim de contemplar o que detectaram como sendo de interesse de cada um, instaurando um regime peculiar de (in) visibilidade. Porém, nos dois casos pudemos perceber a insistência em uma suposta objetividade maquina dos algoritmos sendo tomada como pressuposto inquestionável. Os problemas, as denúncias e as justificativas giram em torno do seu mau funcionamento – seja pela presença humana, seja por uma incompreensão técnica – mas, em nenhum dos casos, a objetividade desses atores foi questionada ou desconstruída.

**Palavras-chave:** *Facebook*, algoritmos, controvérsias.

É sabido que as empresas jornalísticas passam por um período de mudanças em seu processo de produção, principalmente em decorrência do declínio da receita com publicidade causado pelo negócio digital (COSTA, 2014). Nessa nova era do “jornalismo pós-industrial” (COSTA, 2014) a circulação e a distribuição dos conteúdos não é mais de propriedade dos veículos e têm se dado majoritariamente no ambiente digital.

De acordo com Henry Jenkins (2015), na era cultura da conexão a lógica de audiência nos formatos das mídias de massa não faz mais sentido. Quem dita as regras hoje é a lógica do compartilhamento e não ser compartilhado, espreado e propagado é o mesmo que estar morto (JENKINS, 2015). Assim, o jornalismo institucionalizado é impelido a estar nas redes sociais. Dessa forma, temos visto as diversas instâncias e organizações midiáticas aderindo às redes sociais – e, especificamente o *Facebook* – como forma de fazer seu conteúdo circular e chegar até o público.

## JORNALISMO EM AMBIENTES MULTIPLATAFORMA

A obscuridade nos mecanismos de funcionamento do Facebook é conhecida desde o seu lançamento. Porém, recentemente temos visto diversas controvérsias sobre esses mecanismos emergindo na mídia e na voz dos usuários da plataforma. Casos como o a seleção de conteúdo no *Trending Topics* (JURNO, 2016) ou a censura à icônica foto da Guerra do Vietnã trazem à tona essas questões e revelam dimensões antes não conhecidas, ou discutidas, sobre esse processo. Além disso, a fagocitação das empresas jornalísticas pelo *Facebook* não é pacífica, visto que significa delegar o controle da monetização e circulação do conteúdo para um terceiro que não tem os mesmos valores que o jornalismo baseado na objetividade (SCHUDSON, 2001). Por isso, acreditamos que é extremamente frutífero olharmos para essas controvérsias (VENTURINI, 2010) e, a partir da escuta e seguindo os atores (LATOURE, 2012), compreendermos um pouco mais sobre essa relação entre o *Facebook* e esse jornalismo.

A partir da análise de matérias jornalísticas e publicações oficiais do *Facebook* envolvendo as duas controvérsias acima mencionadas, pudemos perceber como a utilização do *Facebook* como forma de acesso à informação transforma a relação dos usuários com o que é considerado notícia sem que nos demos conta. A partir dos movimentos e ações que fazemos na rede, dos rastros que ali deixamos (BRUNO, 2012), os algoritmos reorganizam os conteúdos a fim de contemplar o que detectaram como sendo de interesse de cada um, instaurando um regime peculiar de visibilidade e invisibilidade (BUCHER, 2012).

Em uma realidade em que esses processos estão cada vez mais mediados por *softwares* e algoritmos – *softwarization* (MANOVICH, 2013) – precisamos questionar e analisar a agência desses atores que não é nula, muito menos objetiva. O que pudemos perceber diante das duas controvérsias analisadas foi o *Facebook* salientando, a todo momento, que a seleção de informações é feita por “algoritmos neutros”.

A partir da denúncia da seleção humana em um processo inicialmente vendido como exclusivamente maquínico, no caso do *Trending Topics*, pudemos

## JORNALISMO EM AMBIENTES MULTIPLATAFORMA

observar a emergência de uma discussão sobre a objetividade da seleção que ainda hoje permeia o fazer jornalístico (ver ALZAMORA; RODRIGUES, 2014). Nesse caso, a subjetividade foi apresentada como inerente à ação humana – mesmo com critérios e *modus operandi* jornalísticos profissionais – e os algoritmos foram descritos como atores que agem objetivamente – ressaltando a neutralidade do processo. A discussão, portanto, gira em torno de ressaltar a pequena parte desempenhada pelos humanos e a centralidade de uma suposta objetividade na seleção algorítmica.

Já no caso da censura à foto icônica da Guerra do Vietnã publicada pelo principal jornal norueguês, o *Aftenposten*, vimos a foto vencedora do prêmio Pulitzer, que agenciou a opinião pública contra a guerra e auxiliou na pressão para que esta fosse encerrada, retirada de circulação porque continha uma criança nua. A primeira-ministra norueguesa, Erna Solberg, que se juntou aos vários usuários e autoridades do país nórdico indignados com o acontecido, afirma que "o que eles [o *Facebook*] fazem através da remoção de imagens deste tipo, sejam quais forem as intenções, é editar a nossa história comum" (G1, 2016, s.p.). A justificativa apresentada pelo *Facebook* foi de que os algoritmos são programados para barrar imagens com pornografia infantil na plataforma. Como a criança aparece nua na foto, os algoritmos entenderam que ela não deveria circular entre os usuários. Pedindo desculpas pelo “erro”, nada se falou ou se questionou sobre o caráter simbólico da censura ou sobre o papel da seleção algorítmica na criação de regimes de (in)visibilidade.

Ou seja, nos dois casos vemos como a suposta objetividade maquínica dos algoritmos é tomada como pressuposto inquestionável. Os problemas, as denúncias e as justificativas giram em torno do seu mau funcionamento – seja pela presença humana, seja por uma incompreensão técnica – mas, em nenhum dos casos, a objetividade desses atores foi questionada ou desconstruída.

# JORNALISMO EM AMBIENTES MULTIPLATAFORMA

## Conclusões

Faz-se necessário e urgente discutir as questões políticas, institucionais, normativas e sociais que decorrem da mediação algorítmica associada à circulação da informação jornalística. A mediação algorítmica age na composição dos “*feed* de notícias” dos usuários e influencia a circulação das informações jornalísticas. Porém, nem os leitores, nem os críticos, nem os profissionais parecem levar em consideração – quiçá questionar – a ação desse ator.

## Referências:

ALZAMORA, Geane Carvalho; RODRIGUES, Tacyana Karinna Arce. “Fora Rede Globo”: a representação televisiva das “Jornadas de Junho” em conexões intermídia. *Revista ECO-Pós*, v. 17, n. 1, 2014.

BRUNO, Fernanda. Rastros digitais sob a perspectiva da teoria ator-rede/Digital traces from the perspective of actor-network theory. *Revista Famecos*, v. 19, n. 3, p. 681, 2012.

BUCHER, Taina. Want to be on the top? Algorithmic power and the threat of invisibility on Facebook. *New Media & Society*, ano 14, n.7, p.1164-1180, 2012.

COSTA, Caio Túlio. Um modelo de negócios para o jornalismo digital. *Revista de Jornalismo ESPM*, v. 9, p. 51-115, 2014.

G1. 9 set. 2016. Facebook apaga foto da Guerra do Vietnã e premiê da Noruega republica. Disponível em: [goo.gl/uqG2bi](http://goo.gl/uqG2bi). Acesso em 19 out. 2016.

JENKINS, Henry. *Cultura da convergência*. Aleph, 2015.

JURNO, Amanda Chevtchouk. Objetividade e algoritmos: o Facebook e a controvérsia na lista Trending. In: *Anais do XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação*. São Paulo, 2016.

LATOURETTE, Bruno. *Reagregando o social: uma introdução à teoria do ator-rede*. Salvador: Edufba, 2012.

MANOVICH, Lev. *Software takes command*. A&C Black, 2013.

SCHUDSON, Michael. SCHUDSON, Michael. The objectivity norm in American journalism. *Journalism*, v. 2, n. 2, p. 149-170, 2001.

TRAQUINA, Nelson. *Teorias do Jornalismo: a tribo jornalística-uma comunidade interpretativa transnacional*. Florianópolis: Insular, v. 2, p. 2, 2005.

VENTURINI, Tommaso. Diving in magma: How to explore controversies with actor-network theory. *Public understanding of science*, v. 19, n. 3, p. 258-273, 2010.